

o Libertário

LUTAMOS CONTRA
TODAS AS FORMAS DE
TIRANIA, DE EXPLORAÇÃO
E DE OBSCURANTISMO — E EM PROL DE
LIBERDADE E BEM-ESTAR
PARA TODOS.

O Brasil e a Conjuntura Mundial

EDGARD LEUENROTH

Que fazer, no Brasil, nesta angustiante conjuntura social, caracterizada por um chocante panorama de completo desequilíbrio em todos os ângulos de atividades, acarretando toda a sorte de desassossegos, de preocupações, de desorganização e corrupções, de misérias — perturbando inteiramente a vida da população que vive do produto do próprio trabalho — sem que sequer se vislumbre a perspectiva de qualquer solução dentro das normas da vigente organização político-administrativa?

Sim, que fazer, aqui, neste grande e abandonado Brasil — mas num presente imediato e não num futuro impreciso — à espera de soluções paliativas e enganosas?

A gravidade da situação atingiu tais proporções que não permite mais hesitações ante a necessidade de ação objetivando enfrentá-la em busca de urgente solução — que somente poderá ser conseguida indo-se até os fundamentos básicos da sociedade em que vivemos.

Apenas com a substituição periódica de governantes do País e de suas unidades federativas jamais o problema será solucionado, e muito menos atribuindo-se a determinadas pessoas, por mais acertada que seja a escolha, elevadas ao cume da administração pública para organizarem a vida coletiva da população brasileira de maneira a lhe ser proporcionada a situação de bem-estar que sua vida laboriosa lhe assegura como irrecusável direito.

O mal reside nas bases da organização da sociedade e nelas é que é preciso atuar em busca da solução.

Não há outra alternativa: é necessário enfrentar objetivamente a situação tal como ela se apresenta e movimentar-se com decisão e firmeza no sentido de ser resolvida sem mais delongas.

Urge, pois, romper o círculo vicioso dentro do qual gira a vida da sociedade brasileira. E para isso ser conseguido terá o povo de se colocar ante o imperativo irrecusável de promover a reforma das bases da organização político-administrativa do País.

E de que forma? Certamente não será por espírito de imitação, ou, usando de uma expressão vulgar, macaqueando o que se está fazendo em outras partes. Será, isso sim, porque esse acontecimento corresponderá a uma seqüência lógica do curso da nossa evolução, processada dentro do quadro dos imperativos de nosso meio-ambiente.

E não iremos buscar em outras bandas um modelo pré-fabricado para a organização da nova sociedade. Seria absurdo pretender-se envolver o nosso nordestino no capote de astarkan procedente da Rússia.

Tal coisa jamais deverá acontecer. Certamente, não devemos deixar de acompanhar com atenção os acontecimentos que se desenrolam em outros países, observando atentamente tudo quanto ocorre, tirando proveito de todos os ensinamentos que os fatos nos proporcionarem e possam ser aproveitados em nossas atividades.

Mas, positivamente, os nossos problemas deverão ser solucionados por quem aqui vive, trabalha, produz e concorre para o progresso e para a normalidade deste País.

Costuma-se dizer que todas as transformações que se vêm operando na organização do Brasil têm assumido características propriamente nossas.

Pois bem, contribuamos para que também na futura transformação que aqui se verificar no sentido social seja confirmada essa apreciação da nossa história.

Sendo o socialismo um princípio universal, de bases doutrinárias imutáveis, na sua aplicação não poderá, entretanto, deixar de atender aos imperativos peculiares da formação histórica de cada povo.

Constituiria, certamente, um a injustiça histórica considerar que a

nossa independência se fez com o grito de Pedro I à beira do riacho do Ipiranga, esquecendo a epopéia da Inconfidência e as lutas contra os invasores, bem como a obra e os sacrifícios daqueles que lutaram pela nossa emancipação; mas choça muito mais profundamente a consciência dos povos a tragédia que envolveu a luta dos argelinos para a libertação de sua terra, não podendo também serem esquecidas as duras lutas travadas para a independência das Repúblicas Americanas.

Atribue-se a um diplomata norte-americano a afirmativa de que aqui se fez entre flôres aquilo que no seu país havia custado muito sangue, referindo-se à abolição da escravatura.

Seria uma inverdade histórica afirmar-se que a abolição da escravatura foi uma consequência apenas do ato da Princesa Izabel assinando o decreto de 13 de maio de 1888; entretanto, não seria razoável estabelecer-se um paralelo entre esse nosso acontecimento histórico com o idêntico fato da República do Norte, onde ela se operou através de uma demorada guerra civil.

Diz-se que a proclamação da República no Brasil se fez apenas com a oposição de um único tiro disparado quando as tropas do Marechal Deodoro saíram dos quartéis para abolir a Monarquia. De fato, essa transformação política foi antecedida de expressivos acontecimentos, mas que naturalmente ficam ofuscados ante a ciclópica proclamação da República na França e, ainda, em outros países.

A marcha da nossa evolução, de fato, não se tem processado placidamente, por entre flôres e alegrias, como atestam os grandes movimentos populares de repulsa contra as tiranias e reivindicatórias de direitos que abrilhantam nossa história, como também as penosas lutas do proletariado em defesa de seus direitos.

Admitamos, em termos de confronto, que — refletindo a delicadeza que se atribui ao nosso idioma e à nossa sensibilidade — os estágios da nossa civilização se tenham manifestado sem a rudeza com que figuram na história de outros países. Façamos isso para também admitirmos que possam ser encaminhados os acontecimentos de maneira que a remodelação estrutural da sociedade brasileira não seja, pelo menos, resultante de um penoso parto cesariano.

Basta um exame perfuntório da nossa história para se verificar que o povo brasileiro jamais, em qualquer época, concorreu ou aceitou conscientemente para o estabelecimento de regimes limitadores de suas liberdades. Todas as situações reacionárias atentatórias de suas prerrogativas que aqui transitariamente se estabe-

Contra a Execução de Anarquistas na Espanha



Em sinal de protesto contra as atrocidades que vêm sendo cometidas pela ditadura franquista na Espanha, que desde o término da Revolução Espanhola em que o povo daquele país realizou, durante três anos, a mais arrojada experiência prática de convivência libertária vem-se mantendo no poder à custa da supressão total da liberdade e do encarceramento e morte dos que se lhe opõem, os anarquistas londrinos fizeram uma passeata pelas ruas de Londres em direção à embaixada da Espanha, conduzindo, em auto, uma reprodução do bárbaro instrumento de tortura — "garrote vil" — que serviu para a execução dos anarquistas Francisco Granados Gata e Joaquim Delgado Martinez, cuja notícia publicamos em nosso número anterior.

O expressivo clichê que hoje publicamos representa uma cena do desfile organizado pelos anarquistas de

Londres, de que a imprensa fez larga divulgação, vendendo a bandeira anarquista e cartazes alusivos ao ato conduzidos pelos manifestantes.

O "garrote vil", é um instrumento medieval de tortura usado no tempo da Inquisição, em que o condenado é amarrado a um poste, sentado e com as mãos algemadas, tendo em volta do pescoço uma argola de ferro que o carrasco vai apertando aos poucos até o destrocamento total dos ossos e a conseqüente morte de mais uma vida humana.

E foi esse trágico e sádico processo que a ditadura franquista usou para assassinar covardemente os dois camaradas cujo crime foi o de quererem para o povo espanhol um regime de liberdade e bem-estar, em que a solidariedade e o respeito à dignidade humana constituem a base de uma convivência livre e feliz para todos.

leceram, sempre o fizeram com a sua repulsa, com a oposição dos brasileiros.

Todas as vezes que aqui se verificaram situações de fundo totalitário, o povo contra elas lutou para derubá-las.

É com sua orientação que aqui deverá ser feita a reforma de nossa organização social com finalidade socialista.

A ditadura está em contração com a democracia social. Por isso não poderá ser estabelecida através da ditadura — de partido, de corporações ou de classe.

Substituir a ditadura argentária dominante por outra ditadura, embora rotulada de esquerdismo, seria fazer perdurar a tirania com diferença apenas de modalidades — mas ainda mais odiosa, por se apresentar sob a égide de princípios de justiça social.

Onde a Semente Vingue

SERAFIM PORTO

Há quem não compreenda que anarquistas puguem a sua concepção a estranhos e não o façam no próprio lar. Feliz aquele que isto não compreenda. Por certo, conseguiu fazer da família um pequenino mundo de pensamento e sentimento anárquicos. Mas, não compreendendo, e lamentando, e, por vezes, chegando mesmo a censurar, comprovar o fato, que lamenta e lamentamos, que, porém, compreendemos e não censuramos.

Nós que nos entregamos à faina de instruir meninos e jovens, havendo exercido, inclusive, a nossa função no seio das próprias famílias de nossos alunos, podemos ver quanto é difícil aos pais encaminharem os filhos, naquilo a que os destinam, embora lhes façam sentir os benefícios que poderão colher. Meios persuasivos ou coativos falham, se a índole da criança ou do jovem não favorece. É que a ação dos pais e dos educadores é, muitas vezes, perturbada pela ação do ambiente, em que predominam a futilidade, o cinismo, o vício, a corrupção, a negligência, o comodismo, o oportunismo. O provérbio de fundo religioso: — "O homem põe e Deus dispõe" — bem pode ser transformado em — "O homem põe e o ambiente dispõe".

Encaramos, já se vê, o caso em que o casal se entenda. Fora daí, a questão se complica.

Os bons princípios e a boa conduta, por serem discretos, são, dificilmente, percebidos pela criança e, por isso, dificilmente, as impressionam. Os maus princípios e a má conduta, por serem mais notados, são facilmente percebidos e as impressionam, muitas vezes, fortemente.

Um menino que passe por perto de um cão, por exemplo, e não lhe dê um pontapé ou lhe atire uma pedra, não tem a sua ação, geralmente, notada. O contrário chama a atenção e provoca de parte de outras crianças, quase sempre, boas risadas. Não é comum encontrar-se criança que se condão do bicho. Para a criança, aquela ação é, apenas, engraçada. Acha graça em ver o cão, a ganhar, em

louca corrida. Não lhe ocorre a sua dor.

A criança reage mais pelas impressões do que pela razão. Esta vai surgindo vagarosa na proporção em que aquela vai sumindo. Chega, no entanto, quando já fortes impressões esboçaram a personalidade. Daí por diante, é difícil a transformação. Felizmente não é impossível.

Focalizamos, todavia, até aqui, só casos que estão de acordo com a mentalidade social dominante.

O nosso caso particular é mais sério. Além dos obstáculos próprios da mentalidade social dominante, temos os criados, por nossa atitude de oposição à modalidade de organização social vigente.

Encontramos, de modo geral, mais dificuldades na luta pela existência, do que outros da mesma categoria. Não transigimos com a dignidade humana e esta intransigência limita as nossas possibilidades. Somos preteridos, boicotados, afastados dos empregos, quantas vezes, perseguidos e presos!

Estas situações, quando não desencorajam as nossas companheiras, refletem-se, muitas vezes, no ânimo dos nossos filhos, que nem sempre têm o ânimo forte, como o que nos faz enfrentar e suportar todas estas adversidades. Se as companheiras não participam das nossas idéias, então, a situação se agrava, pois influem, consciente ou inconscientemente, em nossos filhos, afastando-os, pelo medo, da nossa concepção.

A nossa ação de rebeldia não é feita tão ocultamente que não permita à

(Conclui na 2.ª pág.)

NOSSA ATITUDE NO MOMENTO ATUAL

Qual a nossa atitude em face da tormentosa situação em que se encontra a população do Brasil?

Poderíamos sintetizar nossa resposta assim: o juízo e a atuação dos libertários ante a conjuntura do País está indicada na coleção de "O Libertário" e de outros jornais anarquistas que o antecederam.

Hoje — como sempre — lutamos contra a exploração de que o povo é vítima permanentemente; contra o encarceramento sem limites do custo da vida por obra dos exploradores que enriquecem à custa do sacrifício do povo; contra a exploração a que está sujeito o proletariado, cuja melhoria salarial é conseguida mediante o aumento dos preços das utilidades; contra as restrições das liberdades

conseguidas pelas lutas cruentas e causadoras de grandes sofrimentos.

Lutamos contra os descalabros da administração pública cujos efeitos consequentes recaem sempre sobre a situação do povo; contra os exploradores que se infiltram nas organizações operárias, transformando-as em instrumentos de suas conveniências; lutamos contra os que provocam agitações com fins apenas de caráter político, sem nenhuma finalidade beneficiadora para os trabalhadores, para eles arrastados pelos indivíduos sem escrúpulos, que dão palavras de ordem e fogem às suas responsabilidades.

Somos, enfim, contra todas as formas de tirania e de exploração de que o povo é vítima e com ele lutamos em todas as suas justas reivindicações.

SOCIEDADE E CLASSE

II E ÚLTIMO

No século passado foi concebida a idéia de uma revolução social de acordo com um esquema universal. Essa concepção resultou demasiadamente simplista para as condições que regem a segunda metade do século atual. Nos Estados Unidos e nos países Europeus industrialmente adiantados, o problema social apresenta matizes distintos dos países subdesenvolvidos. Nos primeiros, a pura e simples conquista do pão está superada de tal modo que a juventude operária e até os sindicalistas libertários da Suécia, não tendo necessidade de lutar pelo melhoramento de seu próprio país, dedicam suas melhores energias e tarefas de sua solidariedade a favor dos países atrasados na África e Ásia, destinando alguns meses do ano à Abissínia, Marrocos, Israel e outros países que contam com uma organização social renovada.

Esse empenho não significa de maneira alguma que na Suécia, Alemanha, Inglaterra, etc. a sociedade seja perfeita e que não é necessário melhorá-la. Todavia existe a desigualdade econômica; todavia, a liberdade, às vezes, é limitada, ainda que não seja por meio de leis opressivas, mas pelas tradições e prejuízos herdados. Porém a luta contra tais deficiências não concita bastante a atenção, nem é incentivo suficiente para despertar o espírito revolucionário, nem sequer na juventude e menos ainda nos povos inteiros. Nos países nórdicos, inclusive, estão desaparecendo as greves, em virtude de compromissos entabulados entre as organizações patronais e operárias, torhando-se patente uma nova orientação social que incide nas reações psicológicas, na mente do povo.

Resumindo, como os problemas sociais são diferentes nos diversos países do orbe, não podemos imaginar soluções uniformes elaboradas pelos teóricos de uma vez para sempre. Pessoalmente, há 40 anos tinha o conceito de que o anarcosindicalismo poderia resolver todos os problemas

sociais do mundo. Hoje, depois de longos anos de estudos e viagens entre povos distintos e em diferentes partes da terra, cheguei à convicção de que os problemas dos índios otomies no México ou dos quechuas na Bolívia e no Peru, por um lado, e dos operários das indústrias do Ruhr, da Alemanha, por outro, são completamente distintos entre si e, portanto, não se pode propiciar nem vislumbrar soluções uniformes para todos eles. Enquanto no primeiro caso a felicidade social começa na construção de um caminho, na perfuração de um poço de água ou na edificação de uma escola primitiva no segundo a estandarização técnica e o progresso industrial apresentam o problema da individualização frente ao perigo da perda da personalidade que incuba o processo constante da massificação (que na Alemanha denominamos "Vermassung") isto é, o fundamento da individualidade humana, mal nevrálgico da sociedade moderna a que nenhuma Revolução poderia oferecer remédio imediato.

Com referência ao conceito de revolução, cabe algumas reflexões. Sempre serão necessárias as revoluções para eliminar ditaduras, despotismos e regimes de opressão, não importa se se denominam militares, nazistas, comunistas ou castristas. Pois bem, se uma revolução destrói uma ditadura para implantar outra, a coisa muda por completo, pois a força libertadora se transforma em poder opressor. Nem uma revolução permanente ofereceria garantias para a liberdade eterna e nenhuma sociedade será tão perfeita que se possa prescindir do controle popular.

O norte de toda a regeneração social deve ser a liberdade. Se esta se destrói ou se disvirtua, a obra revolucionária perde seu valor intrínseco. O gêmeo da liberdade é a tolerância. Sem tolerância não há respeito à pessoa humana e sem tolerância ideológica toda revolução termina em novo despotismo.

RUDOLF ROCKER

O BURRO DO LAVRADOR

UMA HISTÓRIA PARA CRIANÇAS DE 7 A 77 ANOS

Agora, que se está falando tanto em reforma agrária, quero contar-lhes uma história do pobre lavrador que tinha um burro.

Era uma vez um lavrador que tinha um pequeno arado e um burro.

Certo dia em que ele ia pelo campo, segurando a rabiça do arado, debaixo de um sol de matar passarinho, principiou a dizer ao seu burro:

"Moreno, você é um burro, filho de uma égua, e eu sou um homem que, conforme dizem, é o rei dos animais. No entanto, aqui estamos ambos, atrelados juntos o ano inteiro. Sabe que às vezes fico a pensar em se é você que trabalha para mim ou se sou eu que trabalho para você? Para falar a verdade, parece-me que isto não passa de uma sociedade de um burro com um idiota, pois realmente trabalho tanto como você... isto é, trabalho mais do que você. Quando estamos arando, caminhamos a mesma distância, mas você o faz com quatro pernas e eu caminho somente com duas. É evidente que faço o dobro do esforço com cada perna.

Logo vamos ter que nos preparar para a safra de milho. Quando o milho estiver colhido terei que entregar a metade ao proprietário da terra. Depois, um quarto vai para você e um quarto fica para mim. Você come tudo que lhe toca, menos os sabugos,

ao passo que eu tenho que dividir a minha parte com minha mulher, cinco filhos, oito galinhas, três patos e o homem que me emprestou o dinheiro para comprar você, o arado e as sementes. Quando nós dois estamos precisando de calçado e o dinheiro está curto, você é quem o recebe e eu tenho que andar descalço.

Pelo que vejo você é que está levando a maior vantagem e por isso lhe pergunto se é justo que um burro, filho de jumento, passe a perna num exemplar de animal que é considerado o rei da criação?

Você nada mais faz do que puxar o arado e às vezes a carrocinha e eu tenho que fazer, sozinho, todo o trabalho de colher o milho, debulhar as espigas, arrancar os tocos do milharal velho, enterrá-los e semear outro, enquanto você fica na cerca do pasto, zurrando para mim.

Fora da safra, quando você quase nada tem que fazer, a não ser puxar a carrocinha uma vez por outra, eu, minha mulher e as crianças temos que trabalhar na colheita do café ou do algodão, se quisermos ter o que comer, comprar roupa para nós, arreios para você e pagar a dívida que fiz para comprar você, como também para pagar o médico e os remédios quando algum de nós fica doente.

Por causa disso tudo eu não posso dormir sossegado, pois vivo cheio de preocupações. E você? Você pouco se importa de que tudo leve o diabo... seu filho de uma égua!

A única ocasião em que, aparentemente, levo vantagem sobre você é na época das eleições, pois tenho o direito de votar e você não tem.

Mas logo que se acabam as eleições compreendo que não passo de um jumento maior do que aquele que foi seu pai. Palavra que fico a pensar se os políticos foram feitos para servir os eleitores ou para fazê-los de burros.

E não é isso, Moreno. Quando você morrer está tudo acabado. E eu? O padre me disse que se eu não andar muito direitinho, quando morrer irei para o inferno e se for mais ou menos bonzinho irei para o purgatório. A fim de me tirar do purgatório minha família terá que apertar o estômago para pagar as missas que o padre vai dizer.

Com tudo isso não sei como você ainda tem coragem de ficar quietinho, olhando para mim com essa cara de burro. Ah!

DIENO CASTANHO

ONDE A SEMENTE...

(Conclusão da 1.ª pag.)

família notar. O nosso comportamento em família, se de acordo com as nossas idéias, deve fazer-nos estimados, e isto bastaria para despertar curiosidade e interesse pelas nossas idéias. Se não prégaros em casa, é porque percebemos que a semente não vingará. É porque percebemos não haver um mínimo de curiosidade ou de interesse. Não devemos nem podermos impor. Impor seria negar as nossas convicções. Seria criar conflitos, que cortariam todas as possibilidades futuras de um despertar a que poderia conduzir a análise da nossa conduta tolerante e nobre. Assim sendo, sairemos a prégar, onde pudermos ser ouvidos. E sairemos a prégar, para que um novo ambiente venha a influir espontânea, favorável e nobremente em todas as crianças.

A PAZ

CONDIÇÃO PRECIPUA PARA O ENTENDIMENTO ENTRE OS HOMENS

Nunca, acreditamos, esteve o pensamento pacifista tão discutido como agora. Culminando a nossa geração, como descendente mais próxima da maior desgraça que já recaiu sobre os povos pela ganância dos governantes — a segunda grande guerra — alia-se ao temor de uma guerra atômica, que, pelo seu raio de ação, poderia exterminar toda a humanidade. Entretanto, dos pacifistas reais a muitos dos "atuais" vai uma longa distância. Sim, pois apesar dos tratados, conferências, etc., realizados pelos chefes de governo, não podemos ficar acreditando muito em suas "boas intenções", desde que continuam os países a armarem-se, constituindo nisso a aplicação de mais da metade dos orçamentos de muitas nações que competem na corrida armamentista.

E tal corrida não seria tão desastrosa, se ficasse limitada somente às grandes nações. Porém, que desamparo o nosso, quando vemos pequenas nações, cuja renda mal dá para alimentar o seu povo faminto e doente, comprometerem o seu orçamento com a aquisição de armas, e que sentimos quão longe estamos de uma vida segura e de como são falsas as afirmações dos chefes de Estado, quando se prontificam a construir um mundo melhor.

Para que os homens possam entender-se bem, é preciso que não existam entre eles barreiras ou desconfiâncias de espécie alguma. Não podemos esperar que nossos vizinhos confiem em nós, ou que conosco se cordealizem, quando procuramos, dia a dia, reforçar mais as nossas fronteiras, em um espírito perigoso de isolamento nacionalista.

Para que possamos ter esperanças de melhores dias no futuro é necessário que os chefes de Estado sejam coibidos em seus desmandos; que se efetuem cortes nos orçamentos destinados às forças armadas, e que se procure cada vez mais estabelecer laços mais íntimos com os nossos vizinhos; que se vá desanuviando a desconfiança provocada pela mentalidade terrorista que se vem formando há séculos.

Cremos — e temos razões para isso — que os povos somente se aliarão total e despreocupadamente na solução de problemas comuns ao desenvolvimento geral, quando, sobre eles, não mais pairar a ameaça de uma auto-destruição em massa.

Traição, invasão, revoluções, guerras, tudo isso é fruto da mentalidade bélica. Dê-se um fim completo aos armamentos, que todos esses perigos desaparecerão. A reciprocidade de confiança é fator básico para o entendimento entre os povos. Não se teme a quem do mal está livre.

Não acreditamos que tudo esteja perdido. Sabemos que virá o dia — embora distante — em que todos os países se unirão para comemorar o levantamento das fronteiras e a destruição de todos os preparativos mortíferos que ainda se fabricam.

Deixamos claro as nossas esperanças na possibilidade humana para orientar a vida com mais dignidade e respeito aos seus semelhantes. Estes são os nossos propósitos.

EMERSON ALMEIDA

BOA CONFERÊNCIA

Na costumeira reunião semanal, realizada no dia 28 de setembro p.p., o Centro de Cultura Social de São Paulo teve como orador o intelectual espanhol Sr. Luiz Sanpietro, que discorreu sobre o tema "La Libertad como Sentimiento y La Democracia como Aspiración".

Evidenciando ser portador de valioso patrimônio cultural e fácil exposição, o conferencista fez um excelente estudo sobre a situação criada pela ditadura franquista na Espanha, concluindo por demonstrar a necessidade de uma ação conjunta de todos aqueles que condenam a sanguinária reação imperante na península Ibérica. Nesse sentido, alvitrou a conveniência de ser criada uma organização para essa específica finalidade, como um denominador comum para uma ação na qual estarão concordes, sem qualquer infração dos participantes.

No final, verificou-se a intervenção de alguns dos assistentes num interessante diálogo com o conferencista.

A CONTRA REVOLUÇÃO BOLCHEVISTA EM CUBA

Os "líderes" trabalhistas e da contra-revolução que se apoderaram do poder em Cuba, preocupam-se muito em desenvolver uma intensa propaganda entre os trabalhadores, fazendo-lhes ver que o momento é de sacrifícios e de contribuição para ajudar a revolução; que não é justo e sim contrarrevolucionário aparecer com demandas; que isso estava bem quando ali existia o regime capitalista, mas não agora, quando os centros de produção estão passando para as mãos dos trabalhadores. O rádio, a televisão e a imprensa martelam dia e noite sobre o assunto, formando uma consciência que os trabalhadores aceitam como imposição, perdendo, dessa forma, todas as conquistas alcançadas em meio século de lutas cruentas e revolucionárias.

Fêz-se moralmente obrigatória a contribuição "voluntária" de dias de trabalho para comprar armas; não se pagam as horas extraordinárias; tornou-se obrigatória, pela coação, a formação de "brigadas voluntárias" para cortar cana, colheita de café e outros trabalhos agrícolas ou industriais.

Os sindicatos exercem uma função policial e levam a vigilância sobre atividades dos trabalhadores mesmo fora dos locais de trabalho, verificando se assistem aos atos sindicais e qual o seu comportamento nessas reuniões; se vão aos atos revolucionários, se contribuem economicamente para a obra da revolução, etc.

Até agora os sindicatos e dos comitês de fábrica, pressionam-se aos trabalhadores para que ingressem "voluntariamente" nas Milícias Nacionais, e se não o fizerem, situam-nos em condições inferiores de trabalho e vigiam, nos constantemente até enquadrá-los em alguma suposta conspiração, que os pode levar ao paredon ou a uma longa reclusão carcerária.

O trabalhador perdeu, assim, todo direito ao trabalho livre. Para ser despedido, basta que o queira o responsável da fábrica. Quer dizer, o movimento operário permite e facilita que o regime Castro-comunista arrebatasse aos trabalhadores todos os direitos conseguidos até esta data, alegando que agora são eles os donos dos centros de produção. Vamos ver, porém, o que há de verdade nisso. O governo encampa ou nacionaliza uma

empresa e de imediato designa uma administração estatal, através do INRA ou de qualquer outro organismo. Os trabalhadores continuam ganhando os mesmos salários e realizando o mesmo ou mais trabalho, excepto alguns militantes comunistas dos centros de trabalho. Desde esse momento em diante, só existem obrigações e deveres para os trabalhadores. Estes devem contribuir para a conservação e manutenção da maquinaria e demais complementos de trabalho; devem vigiar os seus companheiros para que produzam mais, devem renunciar ao pagamento das horas extras; devem dar dias de salário para melhorar os centros de produção e, ao fim de uma semana ou de um mês, voltar ao lar exgotado fisicamente. É corrente ouvir dizer aos trabalhadores na intimidade: "Eu não sei: Fidel diz que o socialismo é muito bom, que acaba com a exploração do homem pelo homem, mas agora eu ganho menos, trabalho mais e não tenho direito a reclamar nada. A verdade é que se pudesse escolher ficaria com o sistema que tínhamos antes."

Este é o movimento operário cubano que se operou com a contra-revolução marxista que está no poder. Confiamos que se aproxima o dia em que os trabalhadores, tradicionalmente rebeldes e amantes fiéis da liberdade, unidos aos que dentro e fora do país lutamos pela libertação de nosso povo, ponham fim a essa etapa de dor e escravidão. Então recomencemos, com igual brilho e renovado entusiasmo, nossas tarefas emancipadoras, interrompidas pela traição de traidores da revolução da pior das causas: a da escravidão.

CASTRO MOSCU
(Condensado de "Acción Libertaria", de Buenos Aires)

Nota da Redação — O companheiro que assina o artigo acima é um anarquista cubano, agora exilado em virtude da impossibilidade de, em Cuba, exercer as suas atividades, devido à sua intransigência com o regime de Fidel Castro, como aconteceu a muitos outros anarquistas, que estão cumprindo penas de prisão e ameaçados de morte, ou, como este, sofrendo as agruras do exílio.

COMO ME LIBERTEI DAS CRENÇAS RELIGIOSAS

Nos princípios deste século, por volta do ano de 1906, publicava-se em São Paulo, o periódico anarquista "A Terra Livre". Um mano meu, que andava por lá nesse tempo, graças ao seu espírito irrequieto e rebelde, tomou conhecimento não só com esse jornal, mas também com o elemento libertário-militante do movimento social-proletário de então. E um belo dia lembrou-se de me mandar, para Bragança, onde nasci e vivia nessa época, alguns exemplares do referido jornal, e de outras publicações de orientação ideológica, como "Não Matarás", órgão anti-militarista e anti-guerrreiro, que animava, no Brasil, uma grande e empolgante agitação em prol da paz sul americana, ameaçada nesse tempo por políticos governamentais argentinos, chefiados por um tal Zeballo, e com doentio furor alimentada, aqui no Brasil, pela imprensa amarela.

Li os jornais com uma avidéz nunca antes sentida, porque, logo de início, percebi que na sua leitura havia algo de novo, coisas que eu não compreendia nem podia compreender bem, por ser ainda meninote de 15 anos, quase analfabeto, pois só frequentara escola até a idade de oito anos, e do que havia aprendido esquecera quase tudo.

O conteúdo da leitura desses jornais logrou, bem depressa, despertar em minha mente a dúvida e a inquietude.

Os artigos de fundo, que tratavam de problemas político-sociais, não eram por mim compreendidos; mas os comentários livres e as críticas às religiões e aos preconceitos religiosos, estes faziam-me perder o sono, provocavam o meu raciocínio e me despertavam a razão.

Não tardou muito para que uma luta tremenda e decisiva se travasse em meu eu, entre a razão, o raciocínio de um lado, e do outro os preconceitos e as crenças religiosas adquiridas em casa e na rua, assim como nas aulas de catecismo que então frequentava. A lógica dos argumentos da filosofia materialista em choque com o tradicionalismo clerical perturbava-me. A crítica ia além de discutir as práticas religiosas, ia a fundo, e isso me espantava: ia até o desmorona-

mento dos altares, do destronamento do próprio Deus, a quem me haviam ensinado a temer mais do que a amar.

Ao cabo de poucos meses, essa luta íntima da razão invadindo o domínio da fé, melhor, da crença, ia dilineando-se, ia tomando corpo e chegara à culminância da batalha final — com a derrota completa do obscurantismo, da treva, vencidas pela claridade serena e lógica da verdade contida no conhecimento da vida pela ciência positiva. Deuses, santos, céus e infernos, tudo tendia a sumir do meu cérebro, incubados pelos costumes e pela ignorância na minha consciência. Por fim tudo se desvanecia — como fantasmas se desvanecem com os facho de luz.

Restava o hábito, o costume, a prática adquirida desde o berço: rezar e persignar-me ao deitar. Só ao fazer o exame de consciência, monologando os argumentos prós e contra, percebia que o conflito perdurava entre o hábito adquirido e a razão e vontade atuante pelo novo estado de conhecimento das coisas.

O argumento máximo de que se valia o hábito contra a razão, era a dúvida que surgia sobre a realidade: da verdade novinha de apenas uns meses e a mentira velha, de mais de dez anos, que me fora inculcada. Durante o dia sentia-me à vontade em crer e rir-me até da concepção da existência de um ser que encarnasse em si todos os atributos que se atribuíam a um Deus, a quem se devia temer pelo que era capaz de fazer de mal, si porventura não se lhe rendessem as homenagens que os escravos devem render aos senhores. Mas à noite ressurgia no recôndito do meu ser como um fantasma a me amedrontar e a torturar em forma de dúvida. E se Deus existe?

Uma bela noite, enfim, munido do escudo da vontade cada vez mais invulnerável pela tempera da razão e do raciocínio, resolvi enfrentar a luta no último reduto — o meio de sua vincença. Deitei-me com o firme propósito de não rezar nem me persignar. A luta íntima, surda e torturante dessa noite foi a mais renhida de quantas havia sustentado até então. A peleja entre a consciência e o há-

(Conclui na 3.ª pag.)

O MILAGRE DE SAN GENARO NOSSO CORREIO ADMINISTRAÇÃO DE

“O LIBERTÁRIO”

As agências telegráficas mais uma vez noticiaram a repetição do milagre da efervescência do sangue de São Januário na catedral de Nápoles.

Sob o ponto de vista histórico, porém, o assunto oferece-nos aspectos muito interessantes em torno dos quais a gente que dispõe das páginas da imprensa de ampla tiragem, por cálculo ou por ignorância, não faz comentários.

A. D. White, que foi reitor e professor de História da Universidade de Cornell, deixou-nos um livro notável (História da Luta entre a Ciência e a Teologia) ao qual, se não me falha a memória, já tive a ocasião de aqui me referir, no qual dedica algumas linhas ao “milagre” de S. Januário, dignas de serem transcritas:

Em 1856 — diz-nos White —, o autor destas linhas foi testemunha deste milagre na luxuosa capela do santo, que faz parte da catedral de Nápoles. A capela estava cheia de devotos de todas as classes sociais, desde os funcionários de trajas da corte representando o rei Bourbon, até aos últimos lazzaroni.

MANUEL ANTONIO VINHAIS

Esse é o nome de um companheiro português que, durante muitos anos, viveu em São Paulo, participando das atividades do nosso movimento libertário, acompanhado de sua companheira e de sua filha Joaquina, aqui mais conhecida por Quininha, agora casada, com uma filhinha, tendo-se tornado escritora, com dois livros publicados, sendo o primeiro prefaciado pelo escritor Ferreira de Castro.

Regressando a Portugal há bastantes anos, lá passou a ter contacto com os nossos elementos na medida possibilitada pela reação salazarista.

No mês de maio passou pelo duro golpe de ver sua companheira hospitalizada, em Lisboa, vítima de um derrame cerebral.

Adoecendo, poucos dias após, foi transferido para a cidade de Setúbal, onde reside sua filha Joaquina, vindo a falecer inesperadamente. À sua companheira e filha transmitimos os nossos sentimentos.

COMO ME LIBERTEI...

(Conclusão da 2.ª pág.)

bito que se tornara uma segunda natureza, durou várias horas.

Suponho que os hábitos, como os vícios, residem mais na carne e nos nervos e agem mais como forças mecânicas do que determinadas pelo raciocínio. Assim foi que, nessa noite, tive de sustentar com firmeza e grande vontade o propósito de dormir sem Deus. Comecei então a sentir um estranho calor no rosto e pelo corpo todo e um movimento involuntário da mão direita a querer elevar-se até a testa a fim de fazer o sinal da cruz.

No dia seguinte despertei radiante por ter vencido a última etapa da batalha contra o passado que atuava sobre mim através da hereditariedade e dos costumes; com isso se me abria em par as portas do futuro liberto dos preconceitos religiosos, sentindo-me livre para buscar o próprio eu e o meu lugar no seio da humanidade.

RODOLPHO FELIPE

ora increpavam e até ameaçavam. Não faziam cerimônia em maltratar de palavras o santo e dizer-lhe que se ele não mostrasse a sua estima à cidade, liquefazendo o sangue, S. Cosme e S. Damião eram santos que lhes queriam bem e que sentir-se iam muito felizes vendo a cidade consagrarse-lhes. Finalmente, o padre voltando de repente os pequenos frascos, anunciou que o santo fizera o milagre e no mesmo instante, clérigos, o povo, o côro e os órgãos entoaram o Te-Deum.

Para o sábio, este milagre é muito simples: dentro dos frascos há, sem a menor dúvida, uma mistura que se funde a baixa temperatura, de forma que colocada em paredes frias das igrejas, fica em estado sólido; mas, sendo levada para a capela, quente e cheia de gente, e tida entre as mãos mornas dos padres, funde-se pouco a pouco e torna-se líquida.

Há outro fato, de certo modo mais interessante, sobretudo pelo que tem de picaresco, em torno do milagre de S. Januário.

Em 1799 o general Championnet apoderou-se de Nápoles e isso deu-se na altura em que é costume realizarse a cerimônia do milagre. No dia certo Championnet dirigiu-se à catedral para assistir à referida cerimônia. Mas, no devido instante, o sangue coagulado não se liquefez, o “milagre” não se deu. Então a população começou a manifestar-se com grande estridência e o general tomou tal manifestação como uma hostilidade para com os franceses. Em vista disso, imediatamente mandou um de seus ajudantes de campo ir ter com o sacerdote que estava oficiando e dizer-lhe: “Se o sangue não se liquefez dentro de cinco minutos, Nápoles será bombardeada”. No mesmo instante deu-se o milagre.

Dizem os cientistas que um fenômeno pode repetir-se tantas quantas vezes quisermos, desde que definitivamente estejam descobertas todas as leis que o regem. Parece-me, entretanto, que não é um privilégio da Ciência, pôsto que o “fenômeno” da liquidificação do sangue de S. Januário, pode dar-se tantas quantas vezes os padres da catedral de Nápoles quiserem. Incontestavelmente, é isso o que podemos inferir do que acima fica dito sobre tal assunto. E com a vantagem de não ser preciso conhecer as leis que o regem, visto tratar-se de um mistério... Contudo, trata-se mesmo de um fenômeno bem conhecido e explorado pelos padres aludidos. É uma das tantas fraudes da Igreja Católica Apostólica Romana.

O. S.

“O LIBERTÁRIO” FAZ ANOS

“O Libertário” colocou mais uma velinha no seu bólo de aniversário. Com este número completa este jornal do movimento libertário o seu terceiro ano de publicação.

E, certamente, motivo de satisfação para todos nós — os que estamos encarregados das tarefas relativas à sua publicação, como também aqueles que contribuem, de qualquer forma, para que ele possa circular.

Contamos com o esforço de todos para que “O Libertário” amplie cada vez mais a sua divulgação, pois assim o exige a tarefa de libertação social em que estamos empenhados. E isso certamente se verificará, pois animadoras vão se tornando as demonstrações de apoio à sua obra que estamos recebendo.

Mãos à obra, pois!

EDITORA MUNDO LIVRE — (Biblioteca Social)

- ANARQUISMO — Roteiro da Libertação Social — Edgard Leuenroth Cr\$ 700,00
A DOUTRINA ANARQUISTA AO ALCANCE DE TODOS — José Oiticica Cr\$ 500,00
O RETRATO DA DITADURA PORTUGUESA — Edgard Rodrigues Cr\$ 450,00
A FOME EM PORTUGAL — Edgard Rodrigues Cr\$ 550,00
SOLUÇÃO ANARQUISTA PARA A QUESTÃO SOCIAL — Errico Malatesta Cr\$ 100,00
PREANARQUIA — Randoifo Valla Cr\$ 100,00
O NOVO ISRAEL — Agustin Souchy Cr\$ 600,00
PROVAS DA INEXISTENCIA DE DEUS — Sebastião Faure Cr\$ 500,00
O QUINTO EVANGELHO — Han Ryner Cr\$ 600,00
A SOBREVIVENCIA DA HUMANIDADE — Erick Fromm Cr\$ 650,00
A CONQUISTA DO PAO — Pedro Kropotkine Cr\$ 300,00

Pedidos com valores para — Ideal Peres — Caixa Postal, 1 (Agência da Lapa) — Rio de Janeiro — Guanabara

Esta Editora, fundada por iniciativa de um grupo de companheiros do Rio de Janeiro, está se organizando em moldes cooperativistas, integrando o seu capital por meio de quotas no valor de Cr\$ 20.000,00. Poderá participar como quotista qualquer companheiro, simpatizante ou amigo, realizando suas quotas de acordo com as suas possibilidades econômicas, em prestações mensais ou semanais. Diversamente das sociedades capitalistas, não tem como objetivo o lucro. Todo o resultado de suas edições será aplicado em edições de novas obras.

Aproveitamos para retificar a notícia publicada no número anterior, na qual, por erro, indicamos como valor da quota Cr\$ 150.000,00.

Para qualquer informação no sentido de participar de nossas atividades, dirija-se ao endereço acima.

Esta serção passará a ser mais usada, em virtude do aumento dos gastos postais. Sempre que se tratar de casos administrativos ou de consultas comuns, as respostas serão dadas por este veículo. Entretanto, não será desprezada a correspondência direta, que serve de veículo de relações entre o jornal e seus amigos.

CAMPINAS — (SP) — Atilio: Terá recebido a resposta à sua carta de oito de agosto? Em nosso encontro trataremos dos assuntos que comenta com acerto. Não falte! Saúde!

RIO — (GB) — Serafim: O jornal tem seguido regularmente. Faremos como indicava: Faremos como indica, quando houver duplicata (oxalá!) Em todos os números deve aparecer. Contamos com sua vinda. Saudações.

RIO — (GB) — Romero: Sua retificação também teve de ser retificada: Solidariedade e não Associação.

RIO — (GB) — Ramos: “Eles” procedem sempre de acordo com o seu rasteiro lema: os fins justificam os meios. Fizemos a retificação sem valorizar o veículo da velhacaria, citando-o.

SALVADOR — (Bahia) — Emerson: Bravo! Excelente iniciativa a desse novo elemento de combate da causa da libertação. Avante! Saudações aos combatentes daí.

SALVADOR — (Bahia) — R. C. Calvante: Já terá recebido resposta à sua carta de 26 de agosto. Alegrounos recebê-la, pois revela seu interesse pelo estudo do problema social.

PORTO ALEGRE — (RGS) — R. Fernandes: Valiosa sua cooperação. Com igual atividade de todos os militantes nosso movimento irá tomando grande vulto. Usará os exemplares remetidos conforme julgar melhor.

PELOTAS — (RGS) — T. O. Lopes: Recebidos os dois cheques. Qualquer importância é bem recebida “De cada um segundo suas possibilidades” — é a norma de nossos princípios. Aproveitamos suas considerações na seção “Conversando com os Leitores”.

S. PAULO — Isa Ruti: Não somente os militantes citados em sua carta continuam na brecha, mas todos aqueles que verdadeiramente estavam identificados com a causa. Os da velha guarda lembram-se, sim, do saudoso Américo. Não são precisos esclarecimentos, pois conhecemos perfeitamente as armadilhas da engrenagem burguesa. O caso da disparada do dollar à frente do cruzeiro prende-se à complicada jiga-jiga da economia capitalista... Não falte com os “Pinhões d’Água...”

TORINO — (Itália) — Ugo Fedele: Confirmamos nossa carta em resposta à sua de 4 de setembro. Remetemos o jornal, inclusive os atrasados que pudermos. O companheiro Edgard atenderá no que se refere aos nossos jornais em idioma italiano.

BUENOS AIRES — (RA) — J. A. de Viel: Recebemos a importância remetida pela companheira Roma Peña, de Montevideo.

MONTEVIDEO — (Uruguai) — Roma Peña: Como dizemos acima, recebemos a importância remetida pelo companheiro Viel. Saudações aos companheiros daí.

ADMINISTRAÇÃO DE

De acordo com o critério adotado de trazer os amigos de “O Libertário” orientados sobre sua vida administrativa, registramos a seguir todas as contribuições recebidas após o aparecimento dos dois números anteriores.

Também são mencionadas as despesas feitas.

Aproveitamos a oportunidade para reiterar a recomendação de não serem retardadas as remessas das contribuições daqueles que julgam necessárias a publicação deste veículo de propaganda libertária no Brasil.

Sem isso não poderemos assegurar a regularidade de seu aparecimento.

Insistimos em salientar a necessidade de redobramos de esforços, pois as responsabilidades correspondentes à sua publicação têm aumentado, principalmente na parte econômica. Todos que sentem a necessidade da sua publicação regular devem e precisam contribuir para isso.

Esforçando-se para que a sua divulgação atinja os objetivos desta obra, conseguindo novos assinantes ou como contribuições voluntárias, indicando-nos nomes de pessoas a quem possamos remeter o jornal a título de experiência, etc.

Trabalhem, pois, para que “O Libertário” continue sendo um portavoz do movimento de libertação social.

CONTRIBUIÇÕES RECEBIDAS DE 6 DE JUNHO À 30 DE SETEMBRO DE 1963

- SÃO PAULO: Trubilhano, 2.500; Ortega, 3.000; Pedro, 200; A. Cuberos, 100; J. B., 1.000; Vidal, 450; Anália, 100; Gumercindo, 1.000; F. Branco, 500; Barrilero, 400; Solé, 300; RAYA, 600; Alfredo, 400; Angel, 200; Monteiro, 100; Soli, 500; Navarro, 100; Venda avulsa, 120; 1 livro, 50; venda de revistas, 350; Rojo, 500; Anônimo, 100; Dias 400; Cecílio, 1.500; Eurico, 3.000; Rodrigues, 1.100; Maria Valverde, 400; Nunes, 485; Frontana, 700; Paulete, 500; Manoel, 500; Isa Ruti, 300; Edgard, 960; Ney, 650; H. Sac., 100; W. Sam., 500; Martin, 1.500; France, 150; Virgílio, 900; Padilha, 2.000; Felix Gil, 800; Antonio, 200; Colaz, 300; Sans, 200; Alexandre, 400; Pacifico, 100; Valentin Kunice, 300. Total: Cr\$ 30.715,00.

RIO DE JANEIRO: Ester, 2.000; Ideal, 2.000; G. G. Botino, 2.000;

FESTA DA PRIMAVERA

Apesar do dia ter amanhecido chuvoso, nada convidativo para passeios, foi realizada em São Paulo, no dia 29 de setembro, a já tradicional Festa da Primavera, dedicada especialmente às crianças.

Com a presença de bastantes famílias, passaram-se horas alegres, movimentando-se a criançada, em seus folguédos, por todos os recantos de Nossa Chácara.

O programa da festa foi encerrado com um expressivo ato, que em todos deixou agradável impressão: a plantação, pelas crianças, de três árvores frutíferas. Nessa ocasião, usaram da palavra o companheiro Edgard Leuenroth, em português, e, em espanhol, o Sr. Luiz Sampietro, intelectual radicado no Brasil e Lorenzo Serrano.

Não obstante o tempo desfavorável, essa festa foi, de fato, uma bela e proveitosa jornada.

CENTRO DE CULTURA SOCIAL

Transcorreu bastante animada a reunião semanal de sábado, 21 de setembro pp. Perante numerosa e atenta assistência, o professor Aziz Simão proferiu interessante palestra sobre aspectos históricos do movimento social no Brasil, sendo secundado nesse mesmo tema pelo prof. Breno de Grado.

Foi aproveitada a oportunidade para a apresentação do livro do companheiro Edgard Leuenroth — “Anarquismo — Roteiro da Libertação Social”. Para esse fim veio do Rio o companheiro Edgard Rodrigues, da Editora Mundo Livre, que lançou o livro em questão, prestando esclarecimentos sobre a valiosa obra que vem desenvolvendo essa já vitoriosa iniciativa.

A propósito da publicação desse livro falou o seu autor, orientando os presentes sobre a sua compilação. Falou o companheiro Pedro Catalo, que, como Secretário do Centro de Cultura Social, orientou os trabalhos da reunião.

Enio, 600; Fernando, 800; E. Rodrigues, 800; Gonçalves, 2.000; Diamantino, 600; Manoel, 500; F. da Silva, 2.000; Costa, 800; Ferrua, 500; Emmanuel, 1.000; Abranches, 500. Total: Cr\$ 16.100,00.

RIO GRANDE DO SUL: Terêncio, 500; Pastorini, 2.000; Valesella, 100; J. Carvalho, 400; Nelson Santos, 1.000; Vicentini, 2.000; Bischof, 300; Martins, 300; Palmiro, 125; Medeiros, 25. Total: Cr\$ 6.750,00.

MOGI DAS CRUZES: Castor Pascual, 1.200; Santiago Pascual, 200; Luis Pascual, 200; Manoel Sanches, 170; Agostinho Soto, 2.000. Total: Cr\$ 3.770,00.

DIVERSOS: Santos: L. Costa, ... 1.000; Argentina: Federación Libertaria de libros, 3.400; rifa, 31.400; Uruguai: Roma Pena, 500; Campinas: Atilio, 1.000. Total Cr\$ 37.300,00. Total geral: Cr\$ 94.635,00.

Table with financial data: DESPESAS: Impressão do n.º 22-24 ... 34.000,00; Selos ... 1.300,00; Deficit anterior ... 2.145,00; 1 clichê ... 960,00; Transporte ... 400,00; Correspondência ... 300,00. TOTAL: 39.105,00

Table with financial data: CONFRONTO: Entrada ... 94.635,00; Despesas ... 39.105,00. SALDO: 55.530,00

CONVERSANDO COM OS LEITORES

Pedimos licença ao nosso companheiro T. O. Lopes, de Pelotas, para registrar considerações expostas em uma de suas recentes cartas, por julgá-las aproveitáveis e oportunas.

Entretanto, permitirá que lhe digamos que a publicação de “O Libertário” e de toda a nossa imprensa, assim como da nossa luta, têm por finalidade justamente vencer todos os obstáculos do meio ambiente e procurar despertar a consciência dos trabalhadores, que muitas vezes não são culpados, pois devemos ter em conta que são produtos de um meio viciado e negativo que se acostumam a seguir pela educação que recebem desde crianças. É mais fácil atender ao conformismo ambiente do que lutar contra ele. E o anarquismo só oferece sacrifícios, o que não é perspectiva agradável para todos...

“Acabo de receber vossa estimada carta. Na verdade, devo confessar que as vossas cartas me são de dupla utilidade: ajudam-me a compreender e a admirar cada vez mais essa maravilhosa doutrina que se chama Anarquismo e também me servem como estímulo nos momentos de desânimo ante a dura e cruel incompreensão daqueles que mais deveriam lutar pelo advento de um mundo anárquico: os operários explorados pelo Capital. Graças às suas palavras encorajadoras é que tenho tido ânimo para lutar contra a apatia, a ignorância e a má vontade de nossos irmãos operários, que preferem ouvir a demagogia dos políticos, os sermões sem graças do sr. padre, a arenga sem nexo do “pai de santo”, etc. etc., a perder alguns momentos para ouvir falar de anarquismo e sua grande promessa de um mundo melhor, sem guerras, sem exploração e sem miséria. Felizmente, porém, há as exceções, e, com trabalho e muita paciência, conseguimos encontrar entre dezenas de operários, uns dois ou três para nos ouvirem, dando-nos o seu apoio sincero. Os outros, nunca lhes sobra tempo e dinheiro... Mas podem perder duas horas num campo de futebol, hora e meia duas vezes por semana num cinema, pagar Cr\$ 260,00 por uma entrada de futebol aos domingos e muitas vezes aos sábados também, Cr\$ 100,00 por uma sessão de cinema duas ou três vezes por semana ou comprar flâmulas de clubes a Cr\$ 100,00 e 200,00!... E isso o que desanima a gente, companheiros. Mas, como nosso companheiro Edgard Leuenroth disse certa vez que “os obstáculos foram feitos para serem transpostos”, eu procurarei transpor todos os obstáculos que encontrar pela frente na campanha que iniciei aqui em Pelotas, a fim de conseguir novas assinaturas e contribuições periódicas para ajudar nas despesas de “O Libertário”.

Dentre as iniciativas de livre organização e de ajuda mútua surgidas no ambiente negativo da sociedade burguesa do Brasil destaca-se o cooperativismo, que vai tomando, dia a dia, maiores proporções entre nós.

Surgido há 116 anos numa pequena cidade da tradicional Inglaterra, por obra de um grupo de tecelões, que passaram a figurar na história como "Os 28 pioneiros de Rochdale", apresenta-se hoje como um movimento em incessante progresso, articulado por todo o mundo.

Tendo como guia de seu roteiro o velho lema — "Um por todos e todos por um", fundamenta seus princípios de organização livre nas normas do apóio mútuo, por meio da cooperação de todos, sem a intervenção do Estado e do patronato e dispensando igualmente a intervenção do intermediário comercialista.

Surgindo com a modalidade de cooperativa de consumo, para a aquisição de utilidades sem a intervenção do comércio, essa atividade de ajuda mútua foi-se desdobrando em múltiplas modalidades como, por exemplo, de cooperativas de produção, de crédito, de assistência, de cultura, de recreio etc., estendendo sua ação desde os grandes centros até à vida rural.

Hoje, o movimento cooperativista enfeixa, pelo mundo afora, milhares de unidades com modalidades diversas, reunindo milhões de cooperadores, agindo livre e espontaneamente, à margem do Estado e da exploração direta do capitalismo para a prática de uma obra solidária, que serve também de útil exercício da livre iniciativa do povo para a solução de seus problemas, elemento necessário para o desenvolvimento da sociedade libertária de livre convivência.

O movimento cooperativista do Brasil, que surgiu livremente e agora sofre as consequências da intervenção burocrática do Estado, prossegue em sua obra, e seu desenvolvimento, apesar de tudo, vai tomando um ritmo cada vez mais acelerado, abrangendo setores das mais diversas atividades profissionais.

Nota-se, entretanto, que se vai acen-

tuando a tendência para se ter mais em conta o conteúdo, a essência de caráter social contida nas bases do cooperativismo, servindo de exercício de atividade solidária praticada à margem do Estado, por meio da livre organização para uma obra de apóio mútuo com a finalidade de atender diretamente às necessidades da vida individual e familiar no convívio da coletividade.

Libertada da preocupação do lucro comercialista, dos formalismos burocráticos, bem como — e especialmente — do controle de uma entidade estranha como é o Estado, o cooperativismo poderá ser, certamente, um valioso elemento na entrosagem da sociedade libertária. Num entrosamento racional baseado na autonomia dentro da atuação federativa, com os sindicatos proletários considerados como organismos técnicos profissionais no campo da produção, bem assim como as organizações de todos os demais ramos de atividade — profissionais, técnicas, científicas, culturais, assistenciais, recreativas, esportivas, de inúmeras afinidades etc., o cooperativismo poderá estar destinado a exercer uma função de real importância na sociedade libertária, principalmente no setor do consumo, ou melhor, na distribuição das utilidades, dispensando a atividade hoje exercida na base do lucro pela organização comercial do capitalismo.

FREDERICO BRITO

CENTRO DE ESTUDOS JOSÉ OITICICA

Este Centro, mantido pelos militantes libertários do Rio de Janeiro, prossegue ininterruptamente na obra expressa em sua denominação.

Há cerca de três anos que se vem desenvolvendo, em sua sede social, um curso metódico sobre os problemas de psicanálise, a cargo do renomado professor Newton Ferreira Joret.

A sede do Centro de Estudos José Oiticica está situada à Av. Almirante Barroso n.º 6, sala, 1101.

ANARQUISMO ROTEIRO DE LIBERTAÇÃO SOCIAL Antologia de Doutrina — Crítica — História e Informações

Em uma apresentação muito bem cuidada, e com expressiva capa a três cores, acaba de aparecer o livro do nosso companheiro Edgar Leuenroth — "ANARQUISMO — ROTEIRO DA LIBERTAÇÃO SOCIAL" — em edição da Editora Mundo Livre, do Rio de Janeiro, que faz, ao apresentá-lo, as seguintes considerações:

"O grande lema do movimento socialista do século passado se condensou nas palavras: Pão e Liberdade. Nos últimos decênios do século findo e no atual, foram sustentadas duríssimas lutas para a conquista do pão. Em consequência desses embates e do progresso técnico a situação material de uma parte do povo melhorou. O fascismo, o nazismo, o peronismo e o bolchevismo pretenderam assegurar a satisfação das necessidades materiais das grandes massas, servindo-se da antiga divisa: Pão e Circo. O bolchevismo foi mais longe e substituiu a diversão pela ilusão do patriotismo proletário. Em toda a parte a ideologia autoritária se infiltrou no movimento socialista do presente século, tirando-lhe o conteúdo libertador e humano.

Esta lamentável situação está exigindo um redobrado esforço para despertar o espírito de liberdade dentro dos movimentos emancipadores.

O autor demonstra-nos que essa gigantesca tarefa vem sendo executada há mais de cinquenta anos pelo movimento anarquista do Brasil, que objetiva, além do mais, a superação das contradições econômicas, culturais e políticas da ordem vigente, afim de atingir formas sempre mais livres, perfeitas e humanas de convivência social.

O livro apresenta-nos as bases essenciais do anarquismo, quer em seu aspecto teórico quer em seu ângulo prático, dando ao leitor a oportunidade de conhecer um movimento que objetiva despertar no homem a consciência de si mesmo, o sentimento de liberdade dentro da sociedade, que constituem, ao mesmo tempo, o maior obstáculo a ser oposto à invasão do absolutismo e totalitarismo acobertados com o manto de um pseudo socialismo, que de socialismo só tem o nome."

O livro — "Anarquismo — Roteiro da Libertação Social" — compõe-se dos seguintes capítulos: "O Porquê Deste Livro", explicação do autor — "Prefácio", por Agustin Souchy — 1 — "Umbral de um Mundo Novo" — 2 — "Síntese do Anarquismo" — 3 — "O Anarquismo e o Anarquista" — 4 — "Porque os Libertários Adotam a Denominação Anarquista" — 5 — "Bases Éticas do Anarquismo" — 6 — "Métodos de Ação, Meios e Fins" — 7 — "O Anarquismo e as Demais Correntes do Socialismo" — 8 — "As Escolas do Socialismo" — 9 — "Origem e Desenvolvimento do Anarquismo" — 10 — "A Vida Social à Margem do Estado" — 11 — "Situando o Roteiro da Libertação" — 12 — "Elementos Fundamentais da Sociedade Capitalista" — 13 — "Problemas Característicos da Dominação Capitalista" — 14 — "Ante o Período Agônico da Sociedade Capitalista" — 15 — "Ainda a Caminho Para um Mundo Livre".

Contém, além disso, gráficos explicativos em que o leitor, mesmo o mais simples e de cultura rudimentar, poderá compreender perfeitamente a estruturação de uma sociedade sem Estado, baseada no apóio mútuo e na solidariedade humana.

O livro de Edgar Leuenroth — ANARQUISMO — Roteiro da Libertação Social — pode ser adquirido nas livrarias ou através da Editora Mundo Livre, ao preço de Cr\$ 700,00. Está impresso em papel superior e contém 240 páginas.

EDITORA MUNDO LIVRE — Caixa Postal, 1 (Agência da Lapa) —

Rio de Janeiro — Guanabara.

O LIBERTÁRIO

SÃO PAULO — OUTUBRO-NOVEMBRO DE 1963

ANO III — N.º 24-25

CALEIPOSÓPIO RELEMBRANDO FRANCISCO FERRER

No tempo em que Getúlio Vargas foi ditador, constou que um de seus filhos teria dito que o Brasil era uma vasta fazenda de propriedade do seu pai e que o povo brasileiro era o gado que fazia parte desse patrimônio. Hoje há quem diga que o sr. João Goulart é o herdeiro de Getúlio. Logo...

É claro que a concepção de tal herança é, além de extravagante, alegórica. Trata-se, sobretudo, de uma "herança" bem precária. Talvez seja por isso que o sr. Goulart está comprando cada vez mais e maiores fazendas. E ainda há quem o acuse de ser inimigo da propriedade privada...

Isso me faz lembrar, por uma associação de idéias, o caso daquele indivíduo que era membro não sei de que liga contra o álcool e que achou que o processo mais eficaz de combatê-lo, era ingerir tanto quanto lhe fôsse possível.

Certa vez, em uma festa familiar, o dono da casa, que é esprita, disse algumas palavras, não me lembro mais a propósito do que, de menos-prêzo para com os livre-pensadores. Então um dos componentes do grupo que o ouviram, homem de poucas letras, evidentemente, mas franco, disse que gostaria de saber, com alguma precisão, o que se deve entender por livre-pensador; que em outros tempos ouvia falar, de vezes em quando, em livre-pensador, mas que nunca chegou a saber bem o que é um livre-pensador. E o nosso anfitrião, não obstante saber quais são as minhas idéias, fez questão que eu respondesse. E eu disse, mais ou menos, o que agora aqui vou repetir para os meus leitores, o seguinte:

Certa ocasião um padre (ou pastor protestante, não sei bem) de um lugarejo, assim falou, do púlpito da igreja local, às suas ovelhas:

Meus irmãos:

Quando Deus criou o céu e a terra, logo a seguir criou a luz e a achou boa. Depois criou outras coisas, as quais também achou boas, e por fim criou o homem. Mas enquanto pensava como havia de dar-lhe vida, encostou-o a um muro e...

— E quem tinha construído o muro! — exclamou, desde lá da porta de entrada, um dos ouvintes.

— Peguem-me o herege! peguem-me esse herege! — gritou o pregador. Mas o herege — pernas para que vos quero! — quando o pregador pronunciou a última palavra, já estava longe.

O que acabo de vos dizer parece ter um sabor de anedota e quem sabe se é mesmo; mas nem por isso deixa de ilustrar, de certo modo e até certo ponto, o que se deve entender por livre-pensador. Pode-se ainda perguntar, para melhor esclarecimento, porque é que Deus, sendo infinitamente sábio, só achava as coisas boas depois de as haver criado;

Em 22 de setembro de 1952 achava-me em Roma e quando visitava o Vaticano notei que nas nuças das estátuas dos apóstolos que ornamentam as suas muralhas, estavam cravadas astes das quais pendiam fios pelas costas abaixo. Logo percebi do que se tratava e como estava de bom humor, perguntei a um senhor que se achava a meu lado, em tom de burlesca ingenuidade, o que era aquilo.

— Oh! o sr. não sabe?! São para-raios (parafulmine, disse-me ele, por que era italiano).

— Para-raios — respondi-lhe, simulando assombro — nas cabeças dos santos apóstolos?! Mas isso é uma afronta a Deus! Segundo a tradicional crença da Igreja, os raios são uma das manifestações da cólera divina. E sendo Deus infinitamente



A data de 13 de outubro figura no movimentado calendário, do elemento libertário internacional em caracteres sangüíneos, registrando um nefando delito social praticado pelo conluio dos elementos reacionários então como atualmente dominante na martirizada Espanha.

Foi nesse dia de 1909 que Francisco Ferrer y Guardia, corajosa e serenamente, enfrentou o pelotão de execução no fatídico castelo de Montjuich, lançado aos povos dos quatro quadrantes do mundo a sua derradeira e simbólica proclamação — Viva a Escola Moderna!

Podendo aproveitar-se dos recursos que lhe foram doados em prazeres vulgares da vida, obediente à sua consciência libertária, entregou-se inteiramente à obra de instrução e educação da infância no sentido de libertá-la do domínio das mentiras religiosas e da tirania da autoridade. Criou escolas livres de todos os preconceitos, editou livros de elevado valor científico, técnico e social, conjuntamente com uma revista de difusão cultural, com circulação internacional. Essa obra rompeu as fronteiras da Ibéria e ganhou o mundo — pondo em sobressalto a malta reacionária.

Daí a perseguição que lhe foi movida sem tréguas, os processos e — principalmente — a condenação à morte.

Uma agitação de protestos sacudiu o mundo e o seu brado foi repetido por todas as criaturas de consciência liberta: — Viva a Escola Moderna! Viva o Mundo Livre! Viva a Sociedade Libertária!

NOTA — Nos números 1 e 12 de "O Libertário", foram publicados trabalhos difundindo informações detalhadas sobre a personalidade empolgante de Francisco Ferrer e sua fecunda obra social.

CONTRA A DITADURA FRANQUISTA

Tendo em vista a obra de divulgação de elementos de caráter informativo e cultural em que está empenhado, o Centro de Cultura Social de São Paulo recebe publicações dessa natureza, que ficam à disposição dos frequentadores de sua Sede Social.

Entre essas publicações passou a figurar um boletim distribuído pela embaixada da Espanha no Brasil, sujeita à ditadura sangüinária de Franco.

Devolvendo esse boletim, o referido Centro escreveu à embaixada franquista a seguinte carta:

"São Paulo, 18 de Setembro de 1963
Oficina de Informação de La Embajada de España

RIO DE JANEIRO

Ao dirigir-lhe esta carta, lamentamos não poder empregar os termos protocolares e próprios do respeito que merecem os consulados estrangeiros em nosso País, por ser essa Oficina de Informação representante de um governo que merece a nossa repulsa, todo o nosso desdém.

bom, como conceber-se que ao mesmo tempo seja colérico? E não será maior absurdo, para melhor argumentar, pensarmos que, ainda que colérico, sua cólera venha a precipitar-se precisamente, e sem razão aparente, sobre os apóstolos, isto é, sobre aqueles que edificaram a sua Igreja? Para que, visto isso, os para-raios nas suas cabeças?

Para o meu interlocutor tais palavras foram uma verdadeira revelação. Sentiu-se surpreso, alegremente surpreso, chegando a rir-se, e respondeu-me.

— O senhor tem razão. Sabe que eu nunca tinha pensado nisso?

— Sim, meu amigo, o senhor nunca havia pensado nisso e uma infinidade de crentes não pensam nisso e em muitas outras coisas que, em matéria de religião deveriam pensar. Daqui o fato das religiões ainda existirem.

Aproveitei a ocasião para dizer-lhe que quando, em 1752, Franklin inventou o para-raios, a "meteorologia caiu por terra. Que, com as experiências de Franklin, ficou provado que a origem do raio está nas leis da natureza, mais fortes que as leis divinas. Que a própria Igreja não tinha muito em conta a onipotência divina, visto que também atribuía a origem dos raios ao poder do Diabo.

Outras pessoas que a um canto me esperavam, faziam-me gestos de impaciência para que me despedisse. E ao estender a mão, cordialmente, ao meu interlocutor, ele, apertando-a fortemente, não tinha vontade de largá-la, talvez com pena de que o nosso diálogo tivesse terminado.

OSWALDO SALGUEIRO

Pedimos o obséquio de cessar o envio de vosso Boletim semanal, de cujo conteúdo sempre duvidamos por ser oriundo de um governo fascista, truculento e absoluto, que mantém o povo espanhol sob a mais retrograda e medieval vigilância, sem possibilidades dos mais comensais princípios de liberdade e sem direito de exercer o livre exame das coisas.

Quem deve apregoar as regalias e o bem-estar de uma nação é o povo, livre e desembaraçado, que não, espontaneamente, o desejo de manifestar os benefícios que recebe. E não organismos capciosos, oficialmente criados para mentir e que, através de "fabulosas" estatísticas, difíceis de comprovar, pela absoluta falta de liberdade na Espanha, procuram enganar os valorosos patriotas que residem, obrigatoriamente, fora de seu país e que desejam, a todo custo, a destituição desse maldadado governo.

Esta recusa de nossa parte representa um veemente protesto contra as atrocidades que o vosso governo pratica, matando gente diturnamente, aplicando inclusive, contra os dois jovens anarquistas Granado e Delgado, processos vandálicos e revoltantes como o do "garrote vil", próprio da negra época da Inquisição, da qual Espanha guarda dolorosos vestígios.

O nosso protesto é tanto mais enérgico e veemente quanto mais o fascismo franquista se constitua, pelo mau exemplo que dá, numa permanente ameaça às liberdades públicas de outros países.

Quando a Espanha representar de novo ambiente de respeito e liberdade, estaremos prontos a receber todas as mensagens que por ela nos forem enviadas.

Pelo Centro de Cultura Social, PEDRO CATALO — Secretário Geral."

"EXPOENTE"

Recebemos o primeiro número deste bem feito Boletim mimeografado, órgão do movimento pacifista de Salvador, Bahia, cuja direção está a cargo do nosso colaborador Emerson Almeida, e secretariado por Carlos Alberto Saraiva Santos.

Modesto em sua apresentação, "Expoente" representa, entretanto, uma valiosa contribuição à luta da paz contra a mentalidade guerreira e belicosa dos tempos que atravessamos, em que a ameaça da guerra atômica se alia aos preparativos que se observam em todos os países para a guerra e para o extermínio da humanidade.

O endereço de Expoente é: Caixa Postal, 1283 — Salvador — Bahia. Parabéns e votos de continuidade à direção de "Expoente".

"O LIBERTÁRIO"

Diretor: PIETRO CATALO

Toda correspondência (com valores, originais, indicações, etc.) deve ser endereçada EXCLUSIVAMENTE para a CAIXA POSTAL, 5739 — São Paulo, em nome do diretor.

Redação e Administração: Rua Rubino de Oliveira N.º 85 São Paulo

Assinatura Anual, Cr\$ 200,00